



CORREIO DE
COIMBRA

SEMANÁRIO DA DIOCESE DE COIMBRA | DIRETORA: SÓNIA NEVES
ANO 104 | N.º 5055 | 19 DE FEVEREIRO DE 2026 | GRATUITO



Quaresma 2026

**«A Igreja pede-nos
para acalmar»**

VISITE-NOS EM WWW.CORREIODECOIMBRA.PT

DESTAQUES

05

DIOCESE

TAIZÉ

53 peregrinos de Coimbra

05

DIOCESE

UNIDADE PASTORAL DE SOURESolidariedade afasta traumas
após tempestade

06

GRANDE PLANO

QUARESMA 2026

Entrevista ao P. Francisco de Morais

11

PARA NOS PENSARMOS

OPINIÃO DE QUEM NOS ACOMPANHACabral de Oliveira; Ana Queirós;
Ana Faria (SDEC)

22

CÂNTICOS

II DOMINGO DA QUARESMA

Mídões; Seixo de Mira e Soure

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADESeminário Maior de Coimbra
Contr. n.º 500792291
Registo n.º 101917
Depósito Legal n.º 2015/83**DIRETORA**

Sónia Neves (CP 5775)

ADMINISTRAÇÃO E EDIÇÃOCommunis Missio
- Instituto Diocesano de Comunicação
Centro Pastoral Diocesano Coimbra
Rua Domingos Vandelli, n.º 2
3004-547 Coimbra**GRAFISMO / PAGINAÇÃO**

Frederico Martins - fredericomartins.pt

REDAÇÃORua Domingos Vandelli, 2
3004-547 COIMBRA
redacao@correiodecoimbra.pt
Telef. 239 792 344 (Chamada para a rede fixa nacional)**DONATIVOS**

assinaturas.jornal@gmail.com

SUPLEMENTO

suplemento@correiodecoimbra.pt

COLABORADORESOs artigos de opinião são da
responsabilidade dos seus autores.
As imagens e textos da secção Suplemento
"Igreja Viva" são da responsabilidade
dos respetivos colaboradores.**ESTATUTO EDITORIAL**

www.correiodecoimbra.pt

PUB

Porto | Coimbra | O. Azeméis | Leiria | Lisboa

FREGO
CORRETORES DE SEGUROS • INSURANCE BROKERS

+45 anos
De experiência na gestão de soluções
diferenciadoras para riscos empresariais

www.frego.pt
geral@frego.pt

F. REGO - Corretores de Seguros, S.A. Mediador de Seguros inscrito em 27-01-2007 na ASF, categoria de Corretor de Seguros n.º 607110281/3, com autorização para os ramos Vida e Não Vida (www.asf.com.pt). A F. REGO não assume a cobertura dos riscos contratualizados.

CORREIO DE
COIMBRA

Semanário da Diocese de Coimbra



Como começou a sua Quaresma?

Há uns anos conheci um médico que me dizia que não via televisão, nem tinha televisão em casa. “Que estranho”, pensei. Tocava guitarra, ouvia rádio e conversava com a família. Lembrei-me deste episódio a propósito da mensagem do Papa Leão XIV para esta Quaresma, um jejum adaptado aos nossos dias: o jejum do ruído digital.

Num tempo em que a televisão e as redes sociais consomem a nossa atenção e alimentam, muitas vezes, a ansiedade e o isolamento, o convite é para “desligar” o virtual e “ligar” o humano. Sem a distração constante dos ecrãs, somos obrigados a olhar para o lado.


A Quaresma é, por definição, um tempo de deserto. Mas este deserto de 2026 não é um lugar vazio, infelizmente ainda está cheio de destroços deixados pelas tempestades e de rostos marcados pela preocupação com as cheias que assolaram a nossa região. Este ano, o percurso até à Páscoa exige de nós mais do que rituais habituais: exige uma presença real e “incarnada”, exige ajuda, como nos propôs o bispo diocesano na sua mensagem de Quaresma.

“Vivemos esta Quaresma na solidariedade para com os que sofrem pela perda de pessoas, de bens, de tranquilidade e paz e oferecemos o pro-

duto material da nossa Renúncia Quaresmal para ajudar as vítimas das calamidades climatéricas”, **afirmou** D. Virgílio Antunes.

No grande plano desta semana, o padre Francisco de Moraes, pároco em Penacova, indica que a Quaresma serve para “esvaziar o ego”. É impossível acolher o irmão ou reconciliarmo-nos com Deus se estivermos cheios de nós próprios e das nossas certezas digitais. Vale a pena ler a entrevista e sublinhar o que mais chamou a atenção e levar para as próximas semanas.

Esta caminhada até à Páscoa, pode ser muito estranha para quem não entende ou não tem fé, mas para os crentes as propostas multiplicam-se e os apelos a uma nova versão de cada um são reais. Há peregrinos de Coimbra que iniciaram este tempo na comunidade de Taizé, há jovens que estão em Missão País pela diocese e outros, de forma mais simples, participaram nas celebrações de imposição das cinzas. Como começou a sua Quaresma?

Se a sua Quaresma ainda não começou no coração, que comece hoje, no dia que ler este enfoque. Há sempre tempo para a conversão. Que o silêncio dos ecrãs desligados seja o espaço onde Deus volta a falar, e nos lembra que a reconciliação é o único caminho para a paz. 



ÍNDICE

05 DIOCESE



06 GRANDE PLANO

11 PARA NOS PENSARMOS

18 LITURGIA

23 AGENDA



COMO COLABORAR!

Numa lógica de serviço eclesial e de evangelização, o jornal diocesano *Correio de Coimbra* passou a ser gratuito na sua nova edição em suporte digital.

Comporta, contudo, custos.

Se quiser ajudar a Diocese de Coimbra a suportar financeiramente este serviço, poderá fazê-lo junto dos serviços administrativos (Seminário Maior, Casa Nova) ou por transferência bancária para o IBAN:

PT50 0018 0003 4059 0291 0201 3

Titular da conta é a COMMUNIS MISSIO - Instituto Diocesano de Comunicação.
Banco: Santander Totta S.A.

Ao fazer transferência bancária, pedimos o favor de nos **enviar o comprovativo** da mesma **para** o email **assinaturas.jornal@gmail.com**, identificando o nome da pessoa/entidade e o NIF.

O *Correio de Coimbra* é **um serviço gratuito** à missão evangelizadora da nossa Diocese.

Colabore com o seu donativo para o manter e qualificar.

Muito obrigado.



DIOCESE



© Foto SDPJ Coimbra

Pastoral Juvenil de Coimbra leva 56 peregrinos a Taizé

O Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil promove a Peregrinação Diocesana a Taizé, a partir deste sábado, 14 de fevereiro, e leva 56 peregrinos.

LER MAIS >



© Foto DR - Soure

Solidariedade afasta traumas após temporal e cheias em Soure

Sara Pimentel, partilhou com o *Correio de Coimbra* que a “rápida mobilização da autarquia e a entreeajuda entre vizinhos” foram fatores cruciais em dias difíceis de temporal e cheias.

LER MAIS >



SDEC de Coimbra lança caminhada de Quaresma com apelo aos cinco sentidos

O Secretariado Diocesano da Educação Cristã (SDEC) da diocese de Coimbra apresenta um itinerário para a Quaresma 2026 baseado no plano pastoral “No Espírito de Cristo está toda a nossa vida”.

LER MAIS >





«O QUE FALTA NAS NOSSAS COMUNIDADES É O ACOLHIMENTO»

Ao iniciar a Quaresma, 40 dias de preparação até à Páscoa, o *Correio de Coimbra* falou com o padre Francisco de Moraes Silva. Responsável por 11 paróquias em Penacova, o sacerdote olha este tempo que pede calma e um convite à conversão.



PADRE FRANCISCO DE MORAIS SILVA

“A Quaresma é o caminho para esvaziar o ego e acolher o Cristo que encarna na nossa vida”



Natural do Brasil, o padre Francisco é sacerdote da Diocese de Coimbra. Atualmente a dar os primeiros passos como pároco de 11 paróquias em Penacova. Em entrevista indica os desafios da dispersão pastoral, as diferenças culturais na vivência da fé e o convite central deste tempo: a reconciliação através de uma espiritualidade encarnada.

Correio de Coimbra

O Padre Francisco está em Penacova há cerca de um ano, mas a sua caminhada na nossa diocese já leva algum tempo. Como foi o seu percurso até aqui?

Padre Francisco de Moraes

Sim, estou em Penacova há um ano, mas o meu percurso em Portugal começou muito antes. Estive cá como seminarista em 2010 e 2011. Depois, como Missionário Salvista, estive no concelho de Montemor-o-Velho. Em 2019, pedi uma experiência na Diocese, passei pela paróquia de São José, em Coimbra, com o Padre Jorge Santos, onde estive cinco anos. Gostei muito da experiência e decidi ficar. No ano passado, fui oficialmente incardinado na Diocese de Coimbra.

De Coimbra para Penacova, a realidade pastoral é muito diferente?

Sim, muito diferente. Embora a minha passagem por Montemor já tenha sido uma "prefiguração",

Penacova é muito mais desafiante. Tenho 11 paróquias e são paróquias pequenas, muito dispersas, onde se nota que muita coisa se perdeu ou ficou "parada" no passado. Há ainda uma visão muito centrada na figura do padre; as pessoas sentem dificuldade em realizar celebrações se o sacerdote não puder estar presente.

Sendo natural do Brasil, que contrastes nota na forma como vivemos a Quaresma em Portugal face ao que vivia no seu país?

No Brasil, a Quaresma é muito marcada pela "Campanha da Fraternidade", que traz sempre um tema social urgente — como a ecologia ou a pobreza. Há uma influência forte da Teologia da Libertação e um contraste interessante entre as Comunidades Eclesiais de Base e o Renovamento Carismático.

Aqui em Portugal, a Quaresma é mais tradicional, muito centrada no Senhor dos Passos e na Via Sacra, na penitência e depois, pouco na alegria. O que mais me chocou, no bom sentido, foi a Visita



Pascal. No Brasil vivemos intensamente o Tríduo Pascal; aqui, parece que o Domingo de Ressurreição se "dilui" um pouco na alegria das visitas às casas, o que foi uma novidade bonita.

No próximo triênio, o Plano Pastoral da Diocese foca-se na "Espiritualidade Incarnada". Como é que isto se traduz na prática da Quaresma?

A espiritualidade incarnada é percebermos que Jesus não está apenas "nas nuvens", mas em toda a nossa realidade humana. Quaresma é o caminho de conversão do corpo e do espírito. É vencer o egoísmo através da partilha e da vida fraterna, de partilhar o pouco que nós temos, sabendo também equilibrar a questão na parte do jejum, tentando equilibrar alguns impulsos para poder santificar a nossa vida.



De que maneira é que a igreja tem de ajustar a sua linguagem ou a sua mensagem para que seja percebido o que é este jejum?

O jejum é diferente da questão do não comer para emagrecer ou para ficar elegante. Então pense que, quando nós controlamos um dos instintos que é comer, vamos ter mais capacidade de também controlar o pensamento, controlar o olhar, controlar às vezes as nossas relações, a agressividade... Depois, o fruto de que eu abduco no jejum deve ser partilhado com quem precisa.

Vivemos numa sociedade frenética. Como apresentar 40 dias de oração e penitência, especialmente aos mais jovens?

Sem um encontro pessoal com Cristo, nada disto faz sentido. Pode-se deixar de comer chocolates ou sair das redes sociais, mas se for apenas pelo tempo quaresmal e não por Ele, é vazio. Se eu sinto que não preciso de Cristo porque tenho dinheiro ou saúde, é porque a minha fé está "desencarnada". Nesta sociedade que vive tudo rápido, a Igreja propõe que este tempo seja para acalmar, pede-nos para acalmar.



Nesta sociedade que vive tudo rápido, a Igreja propõe que este tempo seja para acalmar, pede-nos para acalmar.

Eu gosto muito de uma frase do padre Zezinho, que falava sobre o Cristo jovem, e numa das conversas, representa um jovem que vai ter com Jesus, "eles me falaram que é pecado, mas não me falaram o que é virtude..." Ora, se eu não entender o que é a virtude do amor, do Deus que me ama, do Deus que me perdoa, que me acolhe, e que Ele está, justamente essa questão da espiritualidade incarnada, se eu não entender que Jesus encarnou para me salvar, que Ele está presente em toda a realidade da minha vida, seja humana, seja espiritual, eu não vou sentir necessidade de me reconciliar com Ele... Ele não faz sentido na minha vida cristã, para que é que eu preciso de Cristo?



Se eu tiver dinheiro, se eu tiver alimentos, se eu tiver saúde, não preciso d'Ele, porque se eu não fizer essa experiência humana e espiritual, que não é só espiritual, mas Jesus está presente sempre na minha vida, não é só quando eu vou rezar, não é só quando eu abro uma Bíblia, é todos os dias, da hora que eu abro os olhos até a hora que eu vou dormir.

O Sacramento da Reconciliação parece ser um dos mais difíceis de propor hoje em dia. Por que razão há tanta resistência?

Quando eu cheguei cá em Portugal foi uma dificuldade que eu tive de, às vezes, aceitar as confissões que não são confissões... Na maioria, as pessoas chegam e dizem, "ah, toda a gente peca", está bem, mas em concreto não confessavam nada, há falta de conhecimento do sacramento. Acho que falta na catequese, tanto a partir da experiência



dos próprios catequistas, com a ajuda do padre, ter essa consciência do sacramento da Reconciliação como lugar da alegria, não lugar do medo, não lugar de repulsa, mas um lugar em que nós somos perdoados.

Muitas vezes, as pessoas acham que vão apenas contar segredos a um homem que pode ser tão pecador como elas. Mas o padre é apenas o meio; o lugar da escuta é de Deus. Nas nossas paróquias em Penacova, vamos começar a explicar nas missas a razão da confissão. É preciso tirar a imagem do "tribunal do medo" e substituí-la pelo "tribunal da absolvição", onde somos sempre acolhidos, como o "Filho Pródigo".

Eu gosto de uma frase de um santo que agora não sei qual é, mas quer dizer que o sacramento da confissão é o único tribunal que nós sempre seremos absolvidos, porque nós vamos lá para nos acusar, e muita gente às vezes vai para se defender.

O sacramento da confissão não é para se falar das virtudes, é para falar daquilo que eu preciso vencer e que eu quero vencer.



O sacramento da confissão não é para se falar das virtudes, é para falar daquilo que eu preciso vencer e que eu quero vencer.



E no caso das crianças e jovens?

Esse é um desafio, também. Muitas vezes as crianças não têm consciência do pecado ou vão com "falas decoradas". Se não entendem a beleza do perdão na catequese, dificilmente o entenderão na vida adulta. Numa sociedade de egos cheios, a Quaresma convida-nos a esvaziar. Ou seja, esvaziarmos de nós próprios e, de alguma maneira, moldar aquilo que temos de menos bom.

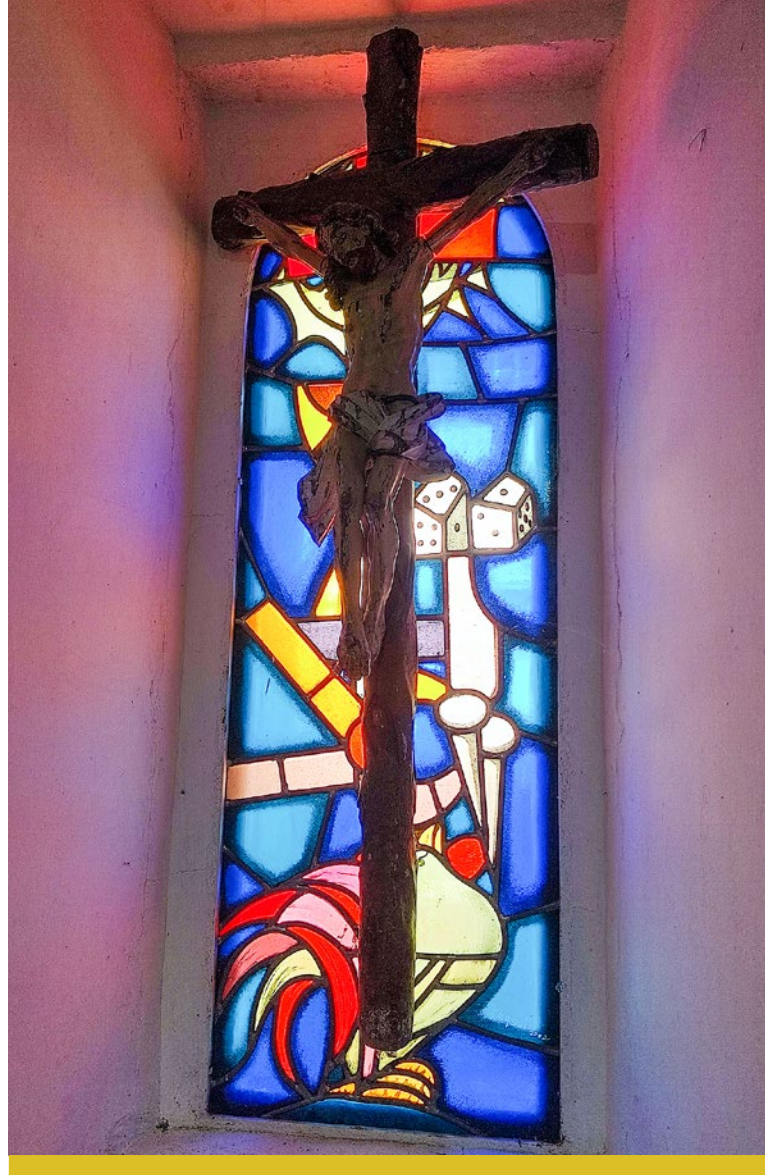


Se não entendem a beleza do perdão na catequese, dificilmente o entenderão na vida adulta.

Que imagem gostaria de ver na Igreja de Coimbra nesta Páscoa de 2026?

Gostaria de ver uma Igreja que irradia a alegria de Cristo perante uma humanidade ferida pela guerra, pela depressão e por relações instáveis. A tecnologia trouxe rapidez, mas tirou o sentido. Corremos o risco de querer missas rápidas que apenas "massajam o ego".

O meu desejo é que a Igreja seja, acima de tudo, um lugar de acolhimento. Eu acho que antes de dizer, tem de rezar, tem de se confessar, tem de ir ao tríduo pascal, celebrar a Páscoa, é Cristo que acolhe. E acolhe aquele que ninguém quer acolher, aqueles são os mais fragilizados, e penso que seja esse o caminho da conversão. 🙏



O meu desejo é que a Igreja seja, acima de tudo, um lugar de acolhimento.





PARA NOS PENSARMOS



Aqui e Além

António Cabral de Oliveira

1 António José Seguro foi eleito Presidente da República. Numa segunda volta onde se opunham a moderação democrática e o radicalismo populista, venceu, naturalmente, com uma esmagadora percentagem – a maior alguma vez alcançada em número de votos –, o representante do centrismo que os portugueses, de forma avisada, à esquerda ou à direita, continuam a privilegiar enquanto opção política. Veremos se os partidos mais representativos do arco fundador da democracia entendem, finalmente, a mensagem que a multidão eleitora lhes vem, reiteradamente, transmitindo...

2 Não se construiu onde se construiu – e onde se continua a edificar –, não adotássemos, permanentemente, o critério do mais barato (que depois sai sempre muito caro) nas adjudicações das obras, sejam elas públicas ou particulares, e não teríamos, com certeza, o lamentável panorama que por aí vai, país além, em consequência das tempestades que nos atormentam. Uma pena esta atávica recusa de aprendermos com os ensinamentos, designadamente, de Gonçalo Ribeiro Telles.

3 Portugal, descendo apenas um ponto, baixou contudo três posições no Ranking da Transparência Internacional e mantém-se, assim, como um dos piores países da Europa Ocidental. Ao obter 56 pontos no Índice de Perceção da Corrupção, caímos do 43.º para o 46.º lugar num conjunto de 182 nações. Procurando justificações na não consideração da agenda política anticorrupção entretanto aprovada – mas em cuja aplicação concreta tanto tardamos – estes permanentes deslizamentos, por pequenos que sejam, em nada nos abonam, designadamente, em termos, tão fundamental para a nossa descapitalizada economia, de investimento estrangeiro.

4 A Assembleia da República aprovou na generalidade um projeto de lei que, pretendendo defender crianças e jovens no ambiente digital, prevê restrições ao uso autónomo de redes sociais por menores de 13 anos, enquanto os de idade até aos 16 o poderão fazer desde que – e receamos, no seu habitual comodismo, seja a grande maior parte deles – com consentimento dos pais ou tutores. Imediata-



mente contestada pelos abrangidos, também por opinadores defensores das liberdades absolutas, do “proibido proibir”, veremos até onde a sequente discussão na especialidade permitirá regular para proteger

5 Retrato da atual situação política em Espanha, as antecipadas eleições regionais em Aragão ditaram uma renovada vitória do PP, mas uma maior dependência dos populares face ao crescimento do Vox, e o descalabro da esquerda, com o PSOE a conseguir, ali, o seu pior resultado sempre. Em queda nacional – agravada pela corrupção e escândalos sexuais envolvendo altas figuras socialistas – ao partido de Pedro Sánchez vale-lhe, apenas, ainda algum prestígio internacional.

6 Constrangido, a nível interno, pela reação popular no Minnesota face à bestialidade do ICE, a brutal agência de imigração e fronteiras – que em muito contribuiu para a quebra de aceitação, mesmo por quadros republicanos, das políticas da nova administração americana –; confrontado, externamente, com uma forte reação da Dinamarca e da União Europeia perante a sua louca pretensão de anexar, nem que fosse através de uma intervenção armada, a Gronelândia, Donald Trump teve, em ambas as situações, de ceder (as eleições intercalares vêm aí) nos seus insanos desígnios. Mas não nos convencemos, aqui pelo que resta da civilização ocidental, que o atual inquilino da Casa Branca tem emenda. Estes foram apenas dois passos atrás para, logo que possível, dar, se lho permitirmos, três em frente nos seus propósitos ‘imperiais’...

7 O Conselho Mundial que Donald Trump ‘apresentou’ no Fórum Económico de Davos – em princípio destinado a resolver o conflito israelo-palestiniano, mas depois não lhe fazendo qualquer referência direta no clausulado proposto – mais parece ser uma estrutura paralela, com dominância dos EUA e sobretudo do atual inquilino da Casa Branca, destinada a ‘substituir’

a Organização das Nações Unidas. Com convites à participação não de todos, são cada vez mais os países cétricos em relação à nova instituição, desde logo a larga maioria (em verdade, só a Hungria e a Bulgária, evidentemente, já aderiram) das nações europeias. Portugal, como sempre, ainda balança entre as suas obrigações transatlânticas com os Estados Unidos e a consideração da ONU como sede fundamental de diálogo e governação multilateral.

8 Depois do (internamente contestado) pacto alcançado com o Mercosul, a União Europeia, na procura de diversificação das suas relações económicas, acaba de firmar com a Índia a “mãe de todos os acordos comerciais” que elimina ou reduzirá substantivamente mais de 90% das tarifas europeias e privilegia o acesso de operadores de serviços financeiros ou marítimos do Velho Continente ao imenso mercado de Nova Deli. Este aprofundamento da relação de parceria entre as duas importantes democracias, sublinhava Ursula von der Leyen, permitirá ganhos mútuos às segunda e quarta maiores economias do mundo, constituindo-se, na presente ordem internacional em profunda mutação, num inequívoco sinal de que, no respeito do primado da parceria estratégica, do diálogo e da abertura, a cooperação é a melhor resposta aos desafios globais.

9 O déspota Xi Jinping, cada vez mais senhor absoluto dos destinos da China, acaba de proceder a nova purga na Comissão Militar Central – dos seis generais nomeados em 2022, e sem qualquer substituição, resta apenas um –, agora com o afastamento de Zhang Youxia, anterior vice-presidente daquele importante órgão do PCC, e de Liu Zhenvi, chefe do estado-maior do exército popular. Acusados, pelo Ministério de Defesa Nacional, de sérias violações legais e disciplinares, tudo indicia, vá lá saber-se porquê, que os ‘acontecimentos’ são motivados mais por fatores políticos e pessoais do que por alegadas preocupações com a corrupção. 🗝





Como atravessar o Deserto - sem desistir a meio

Ana Queirós

Há qualquer coisa de profundamente desarmante na Quarta-feira de Cinzas.

Começamos com o pó. Com a cinza. Com a marca da nossa fragilidade desenhada na testa. Não começamos com luzes, nem com cânticos festivos, nem com promessas de sucesso espiritual. Começamos pequenos. Começamos lembrados de que somos pó — e que, mesmo assim, somos infinitamente amados.

A Quaresma não entra nas nossas vidas nas pontas dos pés. Ela entra a dizer “abrandar”. Entra a pedir espaço. Entra a convidar-nos a percorrer um deserto.

E a verdade é esta: ninguém gosta muito da palavra “deserto”. O deserto é árido. É silencioso. É exigente. Não tem distrações. Não tem atalhos. No deserto só permanece o essencial.

Talvez seja precisamente por isso que precisamos tanto dele.

Durante estes 40 dias somos convidados ao jejum e à abstinência. Mas reduzir a Quaresma a não comer carne à sexta-feira seria como pintar a porta de casa e deixar o interior por arrumar. O jejum que Deus nos pede vai muito além do prato que podemos ter à nossa mesa. É o jejum de palavras que ferem. É a abstinência de julgamentos rápidos. É cortar com os pequenos vícios que nos afastam do Senhor.

Já o apóstolo Tiago nos alertava: com a mesma boca podemos bendizer a Deus e amaldiçoar os homens. A mesma língua que reza pode também espalhar murmúrios, críticas e mexericos. E talvez um dos jejuns mais urgentes para este tempo seja exatamente este - jejuar do mal dizer.

Porque palavras constroem — mas também destroem.

A Quaresma é uma escola de pequenez. Não

da pequenez que diminui, mas da que purifica. A pequenez de quem reconhece que precisa de conversão. De quem aceita que ainda tem muito a trabalhar no coração.

Por isso partilho convosco três dicas práticas para atravessar bem este deserto, sem desistirmos a meio:

1. Escolhe não um jejum que te custe — mas que te transforme

Jejuar não se trata de “heroísmo público”. Trata-se de coerência interior. Talvez seja menos açúcar, talvez seja menos tempo nas redes sociais, talvez seja menos comentários sobre a vida dos outros. Escolhe algo concreto. E mantém-te fiel. O autocontrolo é um músculo espiritual - fortalece-se com o treino.

O profeta Joel já dizia que não basta rasgar as vestes, é preciso rasgar o coração. Jesus, no Evangelho de Mateus, recorda-nos também que o jejum verdadeiro acontece no segredo, onde só o Pai vê. O que transforma não é o sacrifício visível — é a intenção invisível.

2. Prepara o coração antes de mudar comportamentos

Podemos mudar hábitos exteriores e continuar iguais por dentro. A Quaresma começa no coração de cada um de nós. Reserva tempo para o silêncio. Para a oração. Para escutar. O deserto só é fecundo quando deixamos Deus falar. Caso contrário, é apenas barulho interior disfarçado de sacrifício.

Deus não grita no meio do ruído. Como nos diz o profeta Oseias, Ele conduz-nos ao deserto



para nos falar ao coração. Antes de mudarmos os nossos gestos, deixemos Deus moldar o nosso interior.

3. Substitui o que retiras por algo que te aproxima

- › Se tiras tempo às redes sociais
- **dedica esse tempo à Palavra.**
- › Se cortas numa crítica
- **dedica esse tempo a abençoar o outro.**
- › Se decides jejuar de impaciência
- **pratica a escuta.**

A Quaresma não é um vazio — é uma troca. Não é perder - é recentrar.

O profeta Isaías é claro: o jejum que agrada a Deus é aquele que solta as amarras da injustiça e reparte o pão com quem tem fome. São Paulo lembra-nos que da nossa boca só devem sair palavras que edifiquem. A Quaresma não é apenas retirar — é substituir. Não é esvaziar por esvaziar - é criar espaço para o bem.

Talvez entremos nesta Quaresma cansados.

Talvez entremos distraídos. Talvez entremos como sempre entrámos.

Mas Deus não faz “como sempre”. Ele pega nas nossas cinzas e faz caminho. Pega nas nossas fragilidades e faz encontro. Pega no nosso deserto e faz promessa.

Que estes 40 dias sejam verdadeiramente deserto. Não um castigo - mas um caminho.

Que na aridez das nossas rotinas encontremos luz.

Que no silêncio descubramos direção.

Que no autocontrolo nos aproximemos mais de Jesus.

Porque no final de contas, a Quaresma não é sobre o que fazemos por Deus - é sobre o que Ele já fez por cada um de nós.

Ele deu a vida por mim.

Ele deu a vida por ti.

E talvez o mínimo que possamos fazer seja preparar o nosso coração.

Que esta Quaresma não seja apenas um tempo no calendário - que seja um tempo no coração de cada um de nós. 🙏





SDEC

Inclusão de pessoas com deficiência na Igreja, nomeadamente na Catequese, e na Sociedade. Uma perspectiva histórica ⁽²⁾

Ana Faria

Idade Média [476-1453]

No sec. VI, o Código de Justiniano¹ distingue pela primeira vez diversos tipos de necessitados: os pobres, entre os quais se encontram as pessoas com deficiência, os expostos, os órfãos, os velhos. Ao longo desta época vão sendo fundadas instituições destinadas a dar respostas específicas a cada um destes grupos: casas para os pobres - *Ptochotropeia*; casas para tratar doentes, com alguma demora: *Nosocomium*; casas para crianças abandonadas: *Brephotropeia*; casas para órfãos: *Orfanotrophium*; casas para velhos (asilos): *Gerontocomeia*.²

Ainda no sec. VI, os Beneditinos expressam na sua Regra, a necessidade de acolher toda a gente necessitada de abrigo, mas em especial os pobres e os peregrinos³.

Não posso deixar de notar que também a lepra transformava os doentes em pessoas com enormes deficiências físicas e sensoriais, sendo completamente marginalizados, escoraçados social-

mente, tornando-se assim os mais pobres dos pobres. Dado o perigo de contágio, tinham que usar um chocalho para assinalar a sua presença ao aproximarem-se das povoações. Até mesmo na morte eram discriminados, pois que durante séculos eram enterrados em cemitérios próprios, isto é, em locais distintos e distantes dos das outras pessoas, fora de portas das aldeias, vilas e cidades. Ainda hoje, em Sortelha, concelho de Sabugal, se pode ver fora de portas da Vila, classificada como Aldeia Histórica, um espaço em círculo, distinto e bem delimitado, que segundo a tradição era o Cemitério dos Leprosos.

O Concílio de Orleães, em meados do sec. VI, impõe ao Bispo, autoridade máxima na Diocese, que já era responsável pela assistência aos pobres, a obrigação de cuidar dos leprosos⁴. Sete séculos depois, no século XIII, o Concílio de Lyon atribui-lhe a obrigação do seu sustento. Foram estas decisões, que deram origem às Gafarias⁵ e Hospitais, que aos poucos se foram instalando em toda a Europa Cristã.

¹ O Código de Justiniano data de Abril de 529

² Cf. MARQUES, José – *op. cit.*;

³ Cf. “Regra do Glorioso Patriarca S. Bento” - Mosteiro de Singeverga, Ed. Ora et Labora – 1951; MARQUES, José, *op. cit.*, p.17.

⁴ Cf. MARQUES, José, *op. cit.*, p.17.

⁵ Cf. BELINQUETE, José, *op. cit.*, pp. 130b-131a; GOMES, J. A. M., “Memórias de Aveiro”, Ed. Aveiro, Typ. Commercial, 1875, p.118; <https://archive.org/details/memoriasdeaveiro00marq/page/118/mode/2up> [2025.12.05].



O serviço dos hospitais era assegurado por pequenas comunidades de “irmãos” ou “irmãs”, orientados por clérigos, razão pela qual numa época mais tardia, estas estruturas ficaram quase todas anexas a Conventos.

Nas Gafarias⁶ a gestão era feita pelos próprios gafos; geralmente, havia um Capelão e um procurador, que executavam certas tarefas que estavam interditas aos doentes. Os meios económicos a gerir, provinham de legados de gente rica, alguns dos quais eram também leprosos, e no caso português, da Coroa, das Câmaras Municipais e das rendas pagas pelo aluguer dos terrenos que pertenciam às Gafarias: pequenos complexos habitacionais, com uma Capela e um Oratório. Situavam-se fora de portas, em locais isolados, por causa do perigo de contágio. Em Aveiro, terão estado mesmo numa das Ilhas da Ria, a Ilha de Sama: “N’uma d’estas ilhas, Sama, houve em remotas épocas um lazareto, para onde eram mandadas as pessoas que sofriam moléstias contagiosas.”⁷ No sec. XV, o número de leprosos diminuiu drasticamente, e muitas das gafarias encontravam-se já abandonadas e em ruínas.

Foi também na Idade Média que surgiram as Confrarias e as Irmandades, dependentes das Paróquias, e as Ordens Terceiras ligadas às Ordens Religiosas; quer nas cidades, quer no meio rural, estas associações de leigos chamavam a si a resolução de problemas sociais diversos, como o dos órfãos e o das viúvas, tanto a nível material como espiritual.

Em Portugal, desde muito cedo, os monarcas assumem-se como “*protectores e defensores dos pobres*”, sendo que durante a 1ª Dinastia foi notória a preocupação com os pobres e os doentes, especialmente os leprosos. Nos séculos XII e XIII

foram fundados diversos hospitais e casas de apoio aos pobres e desvalidos. Por essa época, a Catequese era essencialmente feita pelas Ordens Mendicantes que “[...] se dedicavam à pregação popular e à difusão d[e] opúsculos [...]”⁸.

No século XIV, a pobreza alastra por toda a Europa, que foi atingida por uma crise climática; esta, por sua vez, desencadeou uma grave crise agrícola e pecuária, que levou a uma grande fome em toda a Europa, deixando as populações demasiado fragilizadas sob o ponto de vista da saúde⁹. Deste modo, a Peste Negra¹⁰, epidemia que surgiu em meados do século, dizimou cerca de 2/3 da população europeia, tendo atingido todas as classes sociais, provocando uma enorme crise demográfica e social.

Em 1375, o Arcebispo de York usa pela primeira vez o termo *Catecismo*, numa publicação. A necessidade de um texto de apoio para o ensinamento das verdades básicas do Cristianismo era já sentida e, por isso, no Concílio de Tortosa (1413-1414) surge um decreto sobre a necessidade de elaboração de um “*breve compêndio*” da doutrina cristã, determinando o seu conteúdo, que versava sobre: os artigos de fé, o que o Senhor ensinou a rezar, os mandamentos, os sete pecados mortais, e a vida eterna¹¹. É também desta época, finais do século XIV, princípios do século XV, o primeiro Catecismo em português, manuscrito, sendo o autor um monge de Alcobaça: Frei Zacharias de Payopelle¹².

Idade Moderna [1453-1789]

No final do século XV, em 1492, D. João II manda construir o Hospital Real de Todos os Santos, em Lisboa, anexando-lhe todos os bens dos Hospitais

⁶ Cf. ROCHA, Ana Rita, *A Assistência aos Leprosos na Idade Média: A Gafaria de Coimbra (sécs. XIII-XV)*, in <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12055.pdf> [2025.12.05]; Cf. NOGUEIRA, C.R.F. “*Encerrando e protegendo: a Leprosia no século XIV em Portugal*”.

Khronos, Revista de História da Ciência, nº6, pp. 79-91. 2018. Disponível em <http://revistas.usp.br/khronos> [2005.12.05]

⁷ Cf. GOMES, J. A M., *op. cit.*, pp.118-119

⁸ Cf. CRISTINO, D. Horácio Coelho, “*O catecismo na história da Igreja (continuação)*”, in Boletim da Pastoral Litúrgica, Ano XIX, nº 76, Outubro-Dezembro de 1994, p. 123; Cf. BELINQUETE, José, *op. cit.*, p. 166a.

⁹ Cf. FAGAN, Brian, “*A Pequena Idade do Gelo – como o clima fez a História -1300-1850*”, ed. Alma dos Livros, 2020; Cap. 2, pp. 48-71.

¹⁰ Cf. FAGAN, Brian, *ibidem*, pp.113-114; https://pt.wikipedia.org/wiki/Peste_Negra [2021.08.23]

¹¹ Cf. CRISTINO, D. Horácio Coelho, *op. cit.*, p. 123.

¹² Cf. BELINQUETE, José, *op. cit.*, pp. 171-185.



e Albergarias existentes na cidade. O Hospital ficou terminado em 1504, tendo iniciado a sua actividade já com D. Manuel; recebia todo o tipo de doentes de ambos os sexos, incluindo os pobres e desvalidos, nos quais se incluem as pessoas com deficiência, bem como crianças “expostas”.

Em 1498, a Rainha D. Leonor funda a *Irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia*, em Lisboa, tendo como base dos seus estatutos as obras de Misericórdia, tanto corporais, como espirituais. Tomando como referência a Misericórdia de Lisboa, estas instituições expandem-se por todo o território português, incluindo o Ultramar, adaptando os seus estatutos às características locais, mas sem nunca perder de vista a sua fonte primária. A acção das Misericórdias, que persiste até aos dias de hoje, desenvolveu-se não só no apoio social, mas também na área da saúde, pois muitas vezes possuíam Hospitais e Casas de Acolhimento para os mais carenciados, tendo sempre por base os diversos documentos da Igreja Católica que insistiam no apoio e acolhimento aos pobres, aos doentes, aos desamparados, no âmbito dos quais se incluíam as pessoas com deficiências¹³.


A partir da invenção da imprensa em meados do século XV, deu-se a divulgação de catecismos e outros livros religiosos, nomeadamente a Bíblia de Gutenberg, impressa em 1455.

Por seu lado, “*O Renascimento possibilitou o florescimento de uma filosofia humanista associado ao avanço da ciência, levando a um maior esclarecimento social e ao reconhecimento de direitos. [...] o homem menos privilegiado foi beneficiado, influenciando a imensa legião de pobres, dos enfermos [...] dos marginalizados. E, dentre eles, sempre e sem sombra dúvidas, se destacavam os portadores de problemas físicos, sensoriais ou mentais.*” (SILVA, 1987, p.266; GASPAS, 2011).¹⁴

Mesmo antes do Concílio de Trento (1545-1563), houve um movimento para a criação de grupos de Catequese nas Paróquias, de modo a “*assegurar o catecismo [...] para todas as crianças e para os ignorantes*”¹⁵, tendo sido confirmada a instituição da “*Catequese Paroquial*” a 11 de Novembro de 1563, na XXV sessão do Concílio de Trento. Se já anteriormente havia Catecismos, a criação da Catequese a nível das Paróquias, levou à “*proliferação dos ‘catecismos’ ou ‘manuais’ diocesanos [...] tornados oficiais*”¹⁶.

S. Pedro Canísio publicou três catecismos para vários escalões etários: “*Suma da Doutrina Cristã em perguntas e respostas*” (1555), “*O Catecismo mínimo*” (1556) e o “*Pequeno catecismo dos católicos*” (1558).

Do Concílio de Trento saiu o “*Catecismo Romano*”, dedicado principalmente aos Párocos. Logo no ano seguinte, Frei Bartolomeu dos Mártires, lançou o seu “*Catecismo ou Doutrina Cristã e práticas espirituais*” (1564). S. Roberto Belarmino, a pedido do Papa Clemente VIII, elaborou um catecismo, formulado em perguntas e respostas, a que chamou “*Breve Doutrina Cristã*” (1597); para os Catequistas, fez a “*Declaração mais ampla da Doutrina Cristã*” (1598), também em perguntas e respostas, sendo que as perguntas são feitas pelos Catequizandos¹⁷.

Em Portugal, nesta época, o ensino religioso era feito essencialmente em escolas anexas aos Colégios e aos Conventos. Os Jesuítas assumiram um papel preponderante no século XVI, que se prolongou até meados do século XVIII. É conhecido o compêndio da “*Doutrina Cristã*”, escrito pelo jesuíta Pe Marcos Jorge. Este livro, de grande simplicidade, mas de grande valor pedagógico, foi editado pela primeira vez em 1566, e reeditado inúmeras vezes até ao final do século XIX, tendo sido traduzido em muitíssimas línguas estrangeiras, quer europeias, quer não-europeias.¹⁸ 

¹³ Cf. FERNANDES, *op. cit.*, p.165.

¹⁴ Cf. *ibidem*, p.165

¹⁵ Cf. BELINQUETE, José, *op. cit.*, p. 124.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, p. 127.

¹⁷ Cf. ALMEIDA, Maria Cleidiana Oliveira de, “*Catecismo Kiriri: História e memória do Projeto Catequético jesuítico na aldeia do Geru*”, Vitória da Conquista, 2019, p. 48 - <https://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2020/03/TESE-DE-MARIA-CLEIDIANA-OLIVEIRA-DE-ALMEIDA.pdf> [2025.10.01]

¹⁸ Cf. JORGE, Pe Marcos, SJ, “*Doutrina Cristã*”, Paulus Ed., 2016, p. 9.





LITURGIA

PALAVRA DE DEUS

I DOMINGO DA QUARESMA

22 de fevereiro de 2026

Ano A

Leitura do Livro do Gênesis Gn 2, 7-9; 3, 1-7

O Senhor Deus formou o homem do pó da terra, insuflou em suas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivo. Depois, o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, a oriente, e nele colocou o homem que tinha formado. Fez nascer na terra toda a espécie de árvores, de frutos agradáveis à vista e bons para comer, entre as quais a árvore da vida, no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal. Ora, a serpente era o mais astucioso de todos os animais dos campos que o Senhor Deus tinha feito. Ela disse à mulher: «É verdade que Deus vos disse: 'Não podeis comer o fruto de nenhuma árvore do jardim?'. A mulher respondeu: «Podemos comer o fruto das árvores do jardim; mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus avisou-nos: 'Não podeis comer dele nem tocar-lhe, senão morrereis'». A serpente replicou à mulher: «De maneira nenhuma! Não morrereis. Mas Deus sabe que, no dia em que o comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como deuses, ficando a conhecer o bem e o mal». A mulher viu então que o fruto da árvore era bom para comer e agradável à vista, e precioso para esclarecer a inteligência. Colheu fruto da árvore e comeu; depois deu-o ao marido, que comeu juntamente

com ela. Abriram-se então os seus olhos e compreenderam que estavam despidos. Por isso, entrelaçaram folhas de figueira e cingiram os rins com elas. Palavra do Senhor.

Salmo Responsorial

Salmo 50 (51)

Pecámos, Senhor: tende compaixão de nós.

ou: Tende compaixão de nós, Senhor, porque somos pecadores.

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos

Rm 5, 12-19

Irmãos: Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo e pelo pecado a morte, assim também a morte atingiu todos os homens, porque todos pecaram. De facto, até à Lei, existia o pecado no mundo. Mas o pecado não é levado em conta, se não houver lei. Entretanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, mesmo para aqueles que não tinham pecado por uma transgressão à semelhança de Adão, que é figura d'Aquele que havia de vir. Mas o dom gratuito não é como a falta. Se pelo pecado de um só todos pereceram, com muito mais razão a graça de Deus, dom contido na graça de um só homem, Jesus Cristo, se concedeu com abundância a todos os homens. E esse dom não é como o pecado de um só: o julgamento que

resultou desse único pecado levou à condenação, ao passo que o dom gratuito, que veio depois de muitas faltas, leva à justificação. Se a morte reinou pelo pecado de um só homem, com muito mais razão, aqueles que recebem com abundância a graça e o dom da justiça, reinarão na vida por meio de um só, Jesus Cristo. Porque, assim como pelo pecado de um só, veio para todos os homens a condenação, assim também, pela obra de justiça de um só, virá para todos a justificação que dá a vida. De facto, como pela desobediência de um só homem, todos se tornaram pecadores, assim também, pela obediência de um só, todos se tornarão justos. Palavra do Senhor.

Aclamação antes do Evangelho Mt 4, 4b

Refrão: Glória a Vós, Jesus Cristo,
Palavra do Pai. *Repete-se*
Nem só de pão vive o homem,
mas de toda a palavra que sai
da boca de Deus. *Refrão*

Evangelho segundo São Mateus Mt 4, 1-11

Naquele tempo, Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, a fim de ser tentado pelo Diabo. Jejuou quarenta dias e quarenta noites e, por fim, teve fome. O tentador aproximou-se e disse-lhe: «Se és Filho de Deus, diz a estas pedras que se transformem em pães». Jesus respondeu-lhe: «Está escrito: 'Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus'». Então o Diabo conduziu-O à cidade santa, levou-O ao pináculo do templo e disse-Lhe: «Se és Filho de Deus, lança-Te daqui abaixo, pois está escrito: 'Deus mandará aos seus Anjos que te recebam nas suas mãos, para que não tropeces em alguma pedra'». Respondeu-lhe Jesus: «Também está escrito: 'Não tentarás o Senhor teu Deus'». De novo o Diabo O levou consigo a um monte muito alto, mostrou-Lhe todos os reinos do mundo e a sua glória, e disse-Lhe: «Tudo isto Te darei, se, prostrado, me adorares». Respondeu-lhe Jesus: «Vai-te, Satanás, porque está escrito: 'Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele prestarás culto'». Então o Diabo deixou-O e aproximaram-se os Anjos e serviram-n'O. Palavra da salvação. 📖



LITURGIA DIÁRIA

liturgia.pt/liturgiadiaria/





Três tentações

Jesus, depois do seu batismo no rio Jordão, foi conduzido pelo Espírito para o deserto, o lugar da “prova”, a fim de “ser tentado pelo Demónio” (vers. 1). Os “quarenta dias” que Jesus passou nesse lugar (vers. 2), devem ser postos em relação com os “quarenta anos” que os hebreus passaram no deserto, depois de terem sido libertados do Egito, e onde tiveram de fazer opções entre Deus e o mal, entre a liberdade e a escravidão. É importante a indicação de que Jesus é conduzido pelo Espírito de Deus, esse Espírito que desceu sobre Ele no momento em que foi batizado: será o mesmo Espírito que O sustentará ao longo da sua missão e que Lhe dará a força para fazer escolhas acertadas, na linha do projeto de Deus.

O tempo que passou no deserto, a refletir sobre a missão que o esperava, foi para Jesus um tempo de prova, de decisões, talvez de purificação das razões que o moviam. A figura do “diabo” corporiza, nesse contexto de escolhas, os caminhos errados que também estão à disposição de Jesus. O cenário é montado à volta de um diálogo em que Jesus e o “diabo” debatem as diversas possibilidades que se apresentam, numa luta dialética feita a partir de citações das escrituras sagradas. A catequese sobre as opções de Jesus aparece em três quadros ou “parábolas”.

A primeira “parábola” (vers. 3-4) sugere que Jesus poderia ter escolhido um caminho de realização material, de satisfação de necessidades materiais: “se és Filho de Deus, diz a estas pedras que

se transformem em pães” (vers. 3). É a tentação – que todos nós conhecemos muito bem – de fazer dos bens materiais a prioridade fundamental da vida. No entanto, Jesus sabe que “nem só de pão vive o homem” e que a realização do homem não está na acumulação egoísta dos bens. A resposta de Jesus cita Dt 8,3 e sugere que o seu alimento – isto é, a sua prioridade – não é um esquema de enriquecimento rápido, mas é o cumprimento da Palavra (isto é, da vontade) do Pai.

A segunda “parábola” (vers. 5-7) leva-nos até ao “pináculo do templo” de Jerusalém, situado no canto sudoeste do edifício, onde os frequentadores do santuário podiam desfrutar de uma magnífica vista sobre o vale do Cedron. As palavras do “tentador” (“se és Filho de Deus, lança-Te daqui abaixo, pois está escrito: ‘Deus mandará aos seus Anjos que te recebam nas suas mãos, para que não troceces em alguma pedra’”) sugerem que Jesus poderia ter escolhido um caminho de êxito fácil, mostrando o seu poder através de gestos espetaculares e sendo admirado e aclamado pelas multidões (sempre dispostas a deixarem-se fascinar pelo espetáculo mediático dos super-heróis). Jesus responde a esta tentação citando Dt 6,16, e sugere que não está interessado em utilizar os dons de Deus para satisfazer projetos pessoais de êxito e de triunfo humano. “Não tentar” o Senhor Deus significa, neste contexto, não exigir de Deus sinais e provas que sirvam para a promoção pessoal do homem e para que ele se imponha aos olhos dos outros homens.



A terceira “parábola” (vers. 8-10) coloca-nos num “monte muito alto” não identificado, onde se podem ver “todos os reinos do mundo e a sua glória”. Não é necessário dizer que não existe nenhum monte no mundo onde seja possível contemplar tal panorâmica. Estamos, portanto, no domínio da catequese. O quadro sugere que Jesus poderia ter escolhido um caminho de poder, de domínio, de prepotência, ao estilo dos grandes da terra. No entanto, Ele sabe que a tentação de fazer do poder e do domínio a prioridade fundamental da vida é uma tentação diabólica; por isso, citando Dt 6,13, diz que só Deus é absoluto e que só Deus deve ser adorado. O poder que corrompe e escraviza nunca será, para Jesus, uma escolha a ter em conta.

As três tentações aqui apresentadas não são mais do que três faces de uma única tentação: a tentação de prescindir de Deus, de escolher um caminho de egoísmo, de orgulho e de autossuficiência, à margem das propostas de Deus. Mas, para Jesus, ser “Filho de Deus” significa viver em comunhão com o Pai, escutar a sua voz, realizar os seus projetos, cumprir obedientemente os seus planos.

As respostas de Jesus ao “tentador” mostram claramente qual é o caminho que Ele, desde o início, se propõe seguir. Jesus venceu o combate contra o mal. Ele não quer viver para acumular bens, para dominar sobre pessoas, para exhibir em seu proveito a grandeza de Deus. Jesus propõe-se servir o projeto de Deus, sem se desviar um milímetro da vontade do Pai. Ao longo da sua vida, diante das diversas “provocações” que os adversários Lhe lançam, Jesus vai confirmar esta sua “opção fundamental” e vai procurar concretizar, com total fidelidade, o projeto do Pai.

Israel, ao longo da sua caminhada pelo deserto, sucumbiu frequentemente à tentação de ignorar os caminhos e as propostas de Deus. Jesus, ao contrário, venceu a tentação de prescindir de Deus e de escolher caminhos à margem dos projetos do Pai. De Jesus vai nascer um novo Povo de Deus, cuja vocação essencial é viver em comunhão com o Pai e concretizar o seu projeto para o mundo e para os homens. 📌



1.º DOMINGO DA QUARESMA

www.dehonianos.org



CÂNTICOS

II DOMINGO DA QUARESMA

1 de março de 2026

Ano A

*O que cantamos em:***MIDÕES**

Com o contributo de

✍ *Ana Paula Neves***Entrada**

Aproximai-vos do Senhor

| NCT 375

Apresentação dos dons

Silêncio

Comunhão

Jesus tomou consigo

| CNL 562

Pós-Comunhão

Se me envolve a noite escura

| NCT 563

Final

Da morte e do pecado

| NCT 116

SEIXO DE MIRA

Com o contributo de

✍ *Margarida Oliveira***Entrada**Procurai a face do
Senhor (M. Carneiro)**Apresentação dos dons**

Jesus tomou consigo (C. Silva)

ComunhãoOuviu-se uma voz vinda
do céu (A. Mendes)**Pós-Comunhão**Senhor, tu és a luz
(Az. Oliveira)**Final**

Da morte e do pecado

(J. Santos)

SOURE

Com o contributo de

✍ *Jorge Sousa Pereira***Entrada**

Alegre-se o coração

| CECII 134

Apresentação dos donsOuviu-se uma voz vinda
do céu | CN 787**Comunhão**

Jesus tomou consigo | CN 562

Pós-Comunhão

Jerusalém, louva o teu Senhor

| CN 550

Final

O Senhor salvou-me | CN 745

NCT - Novo Cantemos Todos
 CNL - Cantoral Nacional Liturgia
 L - Laudate - canticos.pt





AGENDA

DIOCESE

14^a a 22 FEV. PEREGRINAÇÃO A TAIZÉ

Iniciativa promovida pelo Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil

21 FEV. CONSELHO PASTORAL DIOCESANO

Encontro inicia às 09h30

22 FEV. INSCRIÇÃO DO NOME DOS CATECÚMENOS

Sé Nova, 11h15

25 FEV. **PEÇA DE TEATRO** «TODOS AO MONTE E FÉ EM DEUS»

Seminário Maior de Coimbra

26 FEV. 1º ENCONTRO QUARESIMAL - CATEQUISTAS E ANIMADORES (SDEC)

Online, às 21h00

27 FEV. «O REI VAI NU»

Iniciativa do Secretariado Diocesano da Pastoral da Cultura,
no Exploratório da Universidade de Coimbra



01 MAR. DIA DA FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Eucaristia na Capela de São Miguel, 12h00

05 MAR. 2º ENCONTRO QUARESIMAL - CATEQUISTAS E ANIMADORES (SDEC)

Online, às 21h00

NACIONAL

19e20 FEV. III WORKSHOPS INTERNACIONAIS DE TURISMO RELIGIOSO (IWRT 2026), EM FÁTIMA

23 FEV. III WORKSHOPS INTERNACIONAIS DE TURISMO RELIGIOSO (IWRT 2026), NA GUARDA

26 FEV. WEBINAR SOBRE O TEMA «O ERRO MÉDICO»

Promovido pela Associação dos Médicos Católicos Portugueses tem início às 21h30, é gratuito mas sujeito a inscrição prévia através do endereço medicatolicos.pt@gmail.com

27 FEV. WEBINAR SOBRE «FÉ E FRAGILIDADE, CAMINHOS PARA A SANTIDADE»

Organizado pela Comunidade Católica com Deficiência Visual (CCDV) vai acontecer entre 21h00 e as 23h00 na plataforma Zoom, com inscrição através de [formulário online](#).



VATICANO

19
FEV. PAPA LEÃO XIV ENCONTRA-SE COM O CLERO DA DIOCESE DE ROMA E INICIA UM CICLO DE VISITAS A CINCO PARÓQUIAS DA CAPITAL ITALIANA, DURANTE OS DÓMINGOS DA QUARESMA.

22a27
FEV. LEÃO XIV PARTICIPA NOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DA QUARESMA COM A CÚRIA ROMANA, NO PALÁCIO APOSTÓLICO NO VATICANO.



O grande espaço diocesano de reflexão partilhada
a partir da fé sobre os acontecimentos eclesiais,
a vida das comunidades e a cultura atual.

CORREIO DE **COIMBRA**

Semanário da Diocese de Coimbra

VISITE-NOS EM WWW.CORREIODECOIMBRA.PT